

Não é nenhuma novidade que no Museu Thyssen-Bornemisza olhamos para as nossas salas como se elas fizessem parte de um espaço através do qual é possível transitar e onde é permitido realizar diferentes percursos. Sempre procurámos assuntos, ideias ou motivos que nos permitissem ir de uma obra para a outra, sem obedecer a uma razão cronológica.

Agora existe uma nova componente que é a de tentar analisar alguns destes caminhos de descoberta e uni-los àquele que, desde a Idade Média, foi traçado como um caminho de transmissão de conhecimentos e de encontros: o Caminho de Santiago.

O Caminho de Santiago foi declarado Património da Humanidade, Itinerário Cultural Europeu e recebeu o título honorífico de “Rua Principal” da Europa, o que demonstra a sua importância como rede cultural europeia.

E *Os Contos do Caminho* é o título do projecto que realizamos em colaboração com a editora OQO, La Compagnie Créative, o Bichinho de Conto e o Museu Thyssen-Bornemisza, o qual se enquadra no Programa Cultura 2007-2013 da União Europeia.

Este guia didáctico destina-se a professores e alunos, e nele se plasma a ideia do caminho como uma enorme rede de cultura humana. As colecções do Museu inspiraram-nos para criar três itinerários temáticos através do seguinte fio condutor:

1

Um labirinto de caminhos

2

Viagens e viajantes

3

Abrir caminhos

1

Um labirinto de caminhos

Neste percurso é proposta a ideia do Museu como um labirinto, como um espaço onde cada visitante traça o seu caminho e que, por isso, converte o Museu num cruzamento de caminhos. Coloca-se também a ideia do labirinto como um jogo e a sua relação com os jogos tradicionais, como o do Ganso.

2

Viagens e viajantes

O afã de viajar do homem levou-o ao longo da história a percorrer países e a criar rotas que foram fonte de descobrimentos e de conhecimento. Através das obras da coleção aproximamo-nos das grandes rotas, como a Rota da Seda, e aprenderemos o que é o *Grand Tour* ou apreciaremos os descobrimentos das rotas científicas no continente americano.

3

Abrir caminhos

O caminho da história da arte está sulcado de artistas que foram criando novas vias. As mudanças de pensamento e as mudanças estéticas favoreceram alterações, algumas vezes subtis e outras vezes radicais, na representação da realidade que nos rodeia.

2

Viagens e Viajantes

Actividade 1

Existem outros elementos, como a cultura, a arte ou a religião, que viajaram também por toda a Rota da Seda. Tenta saber mais sobre estes aspectos, procura exemplos e discute-os com os teus colegas de aula.

Frans Post

A Igreja de São Cosme e São Damião e o mosteiro franciscano de Igarapu, Brasil, c. 1660-1680

Colecção Carmen Thyssen-Bornemisza, em depósito no Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid



Actividade 2

A Rota da Seda, a partir de Samarkanda, dividia-se em dois caminhos: uma via marítima, que atravessava os mares Cáspio, Negro e Adriático até chegar a Roma, e outra terrestre, que terminava em Alexandria e atravessava o Irão e o Iraque. Procura um mapa da Rota da Seda, traça estes dois caminhos e localiza o nome dos países pelos quais passava. Agora vai buscar um mapa actual, traça a mesma rota e localiza os países pelos quais passaria se fosse nos dias de hoje. Vês alguma diferença nas fronteiras?

Caspar van Wittel, conhecido por “Gaspare Vanvitelli”

Piazza Navona, 1699

Colecção Carmen Thyssen-Bornemisza, em depósito no Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid



Actividade 3

A partir da segunda metade do século XVII e no século XVIII, era moda, entre os jovens das classes médias-altas britânicas, a realização de uma viagem que poderíamos denominar de iniciação, visto que ao fazerem esta viagem dava-se por concluída a sua vida de estudantes e iniciavam a vida de adulto. Esta viagem é conhecida como o *Grand Tour*, e sua duração podia variar de alguns meses a vários anos, consoante o nível económico do jovem em questão.

Investiga sobre esta obra do Museu Thyssen-Bornemisza e averigua qual é a relação que tem com o *Grand Tour*. Para que países viajavam estes jovens? Tenta saber mais sobre outros pintores cuja obra está também relacionada com esta viagem de iniciação. Nas nossas colecções encontrarás mais exemplos.



Actividade 4

Existem outras rotas e viagens que consideramos que devias conhecer, e que se reflectem na história da pintura. Referimo-nos às rotas científicas, às viagens que empreenderam cientistas e desenhadores, em busca de uma nova flora e fauna. No século XVIII, o estudo directo da natureza experimentou um grande impulso e foram criadas as sociedades científicas. Organizaram-se grandes expedições com o intuito de explorar novas terras e de catalogar espécies desconhecidas. Aqui tens um exemplo na obra de Martin Johnson Heade, fascinado pelos colibris do Trópico, que estudou e pintou reiteradamente.

Procura mais informação sobre estas rotas científicas, que tipo de animais e plantas foram descobertos nessa época. Podes encadernar várias cartolinas do tamanho de uma folha, criando assim o teu próprio caderno de viagem de desenhador, e desenhar, utilizando diferentes tipos de pinturas, flores, plantas ou paisagens, como se fosses um desses cientistas e descobridores.



Martin Johnson Heade

Amanhecer em Nicarágua, 1869

Colecção Carmen Thyssen-Bornemisza, em depósito
no Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid



DG Educación y Cultura

Programa Cultura

Organiza:

educa●●●
thyssen

OQO editora



O BICWINHO DE CONTO
editora



Colabora:



XACOBEO 2010
Galicia

Os Contos do caminho

“Existe nas margens do mar da citada província uma cidade cujo nome é Liais, acolhedora e grande, com um comércio activo; saibam que todas as especiarias e os tecidos do Eufrates chegam a esta cidade, e também todas as outras coisas preciosas. Existe abundância de algodão. E os mercadores de Veneza, de Pisa e de Génova e os de todas as partes do interior vão lá comprar e vender, e têm nela os seus depósitos.”

Marco Polo, *O Livro das Maravilhas*

As viagens na Antiguidade propiciaram o comércio e o intercâmbio entre as culturas. Estabeleceram-se rotas permanentes que serviram para trocar todo o tipo de produtos. Indubitavelmente, uma das mais famosas é a Rota da Seda.

A Rota da Seda foi criada no século II a. C., devido à necessidade inicial de criar alianças com os reinos do oeste e do noroeste e de travar o avanço dos Hunos. Foi o imperador Wudi da dinastia Han que abriu esta rota de comunicação através da Ásia.

A principal função da rota era o comércio da seda, cuja principal clientela estava nos portos de Roma e Alexandria. A seda chegou a Roma por volta da metade do século I a. C. Começou-se a criar uma grande rede de rotas comerciais e culturais entre a Ásia e a Europa, que se manteve com algumas interrupções até ao século XVII.

A mercadoria mais apreciada que circulava era a seda, mas havia outros inúmeros produtos que eram também comercializados: outros tecidos como o linho, os algodões, as musselinas hindus, as pérolas, as pedras e as madeiras preciosas, as especiarias, o nácar e até mesmo os animais ferozes.

Viagens e viajantes

Luca di Tommé
A Adoração dos Magos, c. 1360-1365
(pormenor)

Nicolas Maes
O tamborileiro desobediente, c. 1655
(pormenor)



Willem Kalf
Natureza morta com bacia, frutas, taça de náutilo e outros objectos, c. 1660
(pormenor)

Jan Jansz. van der Heyden
Recanto de uma Biblioteca, c. 1710-1712
(pormenor)



William Merritt Chase
O quimono, c. 1895
(pormenor)

Renato Guttuso
Caffè Greco, 1976
(pormenor)



Luca di Tommé *A Adoração dos Magos*, c. 1360-1365

Têmpera sobre madeira, 41 x 42 cm
Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid



Desde a Antiguidade que as especiarias têm sido um produto muito apreciado, e com o qual também se comerciava ao longo da Rota da Seda. A palavra especiarias provém do latim “species” que significa essencial. As especiarias e as resinas aromáticas vegetais foram muito importantes para o homem; algumas delas eram utilizadas em cerimónias religiosas. Estes produtos chegavam à Europa em caravanas que atravessavam a Ásia por terra, e eram os comerciantes italianos que se encarregavam de distribuí-los pelo resto de Europa.

Nesta cena, contemplamos a oferenda de algumas especiarias: incenso e mirra. Muitas especiarias são citadas na Bíblia; eram consideradas como produtos valiosos e por esse motivo eram oferecidas como presentes entre os reis ou funcionavam como impostos que os vencedores de uma guerra impunham aos derrotados.

Esta tábuca de Luca di Tommé intitulada *A Adoração dos Magos* fazia parte da predela de um altar. Nela está a Virgem Maria sentada sobre uma almofada aproximando o Menino, o qual abençoa a Melchior com a mão. Este deixou uma coroa no chão em sinal de respeito. Os outros reis esperam pela sua vez para oferecer os presentes. São José está à porta de uma gruta olhando atentamente para uma das oferendas. Os presentes têm um carácter simbólico, sendo que o ouro representa a natureza real de Jesus, o incenso a natureza divina e a mirra a natureza humana.

Nicolas Maes *O tamborileiro desobediente*, c. 1655

Óleo sobre tela, 62 x 66,4 cm
Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid



Com a tomada de Constantinopla, em 1453, por parte do Império Turco, as rotas terrestres monopolizadas pelos mercadores genoveses e venezianos, foram interrompidas, o que obrigou os comerciantes europeus a procurar novos caminhos. O objectivo era encontrar uma rota marítima para a Ásia que permitisse continuar com o comércio das especiarias do Oriente, evitando o mar Mediterrâneo que se encontrava sob o controlo turco.

Desta forma, Portugal e a Espanha, que contavam com um grande desenvolvimento em termos de navegação, tomaram a dianteira e suplantaram os italianos. As novas rotas reduziam os custos dos produtos e tornavam-nos mais acessíveis para a população. Outra consequência da abertura destas vias foi o descobrimento de territórios e uma mudança da concepção que se tinha do mundo até essa altura.

O tamborileiro desobediente de Nicolas Maes foi pintado por volta do ano de 1655. Nessa época, a Holanda conseguiu expandir-se através das Companhias holandesas das Índias orientais e das Índias ocidentais, atravessando o Índico e o Atlântico, desbancando os portugueses e os espanhóis, convertendo-se assim na primeira potência comercial mundial. Comerciam com as especiarias, como a canela, o açafrão, a pimenta e o cravinho.

Na estância onde decorre esta cena vemos um mapa pendurado na parede do fundo. Isto era habitual nas casas das famílias burguesas, visto que eram considerados como um objecto de luxo e, portanto, um símbolo de uma condição social.

Willem Kalf

Natureza morta com bacia, frutas, taça de náutilo e outros objectos, c. 1660

Óleo sobre tela. 111 x 84 cm
Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid



A rota da Seda permitiu que começassem a ser conhecidos no Ocidente materiais até então desconhecidos como, por exemplo, a porcelana chinesa, que chegou à Europa durante a Idade Média trazida pelos mercadores italianos que viajavam entre a Europa e a Ásia.

A primeira pessoa que descreveu um método para os europeus sobre o fabrico da porcelana foi Marco Pólo. Em O Livro das Maravilhas, ele descreve assim o fabrico da porcelana: “extrai-se da mina uma terra com a qual se faz um montículo que deve permanecer exposto à chuva, ao vento e ao sol durante quarenta anos sem ser removido. Assim, essa terra vai-se depurando, torna-se fina e fica preparada para o fabrico dos utensílios. As peças são decoradas com as cores que se preferiram e introduzem-se em grandes fornos...”

Nesta natureza morta, a bacia de porcelana de origem oriental ocupa um lugar de destaque. As naturezas mortas de Willem Kalf, que se caracterizam pelo escasso número de objectos cuidadosamente seleccionados, convertem-se numa espécie de cartão de apresentação do proprietário dessas peças, muito exclusivas e valiosas. Este gosto pelo coleccionismo pressupõe um poder económico que, de alguma forma, fica plasmado na obra pictórica.

Jan Jansz. van der Heyden
Recanto de uma Biblioteca, c. 1710-1712

Óleo sobre tela, 77 x 63,5 cm
Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid

Devido aos novos descobrimentos do ultramar, a cartografia registou um marcante impulso. Os comerciantes e os navegantes europeus precisavam de um maior conhecimento geográfico e do aperfeiçoamento das artes da navegação. Todo esse saber vai-se acumulando em livros, mapas e globos terrestres. A cidade de Antuérpia torna-se durante a primeira metade do século XVII no centro cartográfico mais importante.

Recanto de uma Biblioteca espelha com absoluta precisão um espaço interior burguês, ricamente decorado. Os objectos retratados reflectem a importância da cartografia nos Países Baixos, pela sua relação com os interesses comerciais. Nessa estância vemos, num ambiente de trabalho, uma esfera terrestre, uma esfera celeste e outra armilar. Ao fundo encontram-se vários mapas enrolados, apoiados na lateral da prateleira, e uma lança oriental. Colocadas sobre a mesa, tapadas com uma tapeçaria chinesa, estão as esferas e um atlas aberto.



William Merritt Chase

O quimono, c. 1895

Óleo sobre tela, 89,5 x 115 cm

Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid



Em meados do século XIX, o Japão abriu-se ao comércio com o Ocidente, com a Europa e a América. Chegaram as estampas japonesas de Hokusai e de Hiroshige, que fascinaram os pintores impressionistas. O “japonismo” converteu-se numa moda e começaram a proliferar as coleções de objectos orientais.

O pintor americano William Merritt Chase viajou até à Europa onde entrou em contacto com o gosto pela cultura oriental. De facto, ele próprio foi colecionista de objectos exóticos.

*O quimono é uma amostra da influência japonesa na obra de Chase e faz parte de uma série de retratos com quimono de familiares. A jovem, apesar de não se distinguirem bem as suas feições, deduz-se que é ocidental; tem vestido um quimono japonês confeccionado com uma rica seda brilhante. Tem na cintura uma faixa de seda verde, denominada *obi*, e o cabelo apanhado também à moda japonesa. Toda a cena é concebida como um cenário: está um biombo, algumas estampas e a cadeira de bambu.*

Renato Guttuso *Caffè Greco*, 1976

Acrílico sobre cartão, 186 x 243 cm
Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid



Agora existem outras motivações para viajar; as pessoas viajam por lazer, para descansarem, por motivos culturais, são razões muito diferentes das viagens motivadas pelas guerras, pelas migrações ou pelo comércio. Surge assim uma nova forma de conceber uma viagem. Nos dias de hoje, os turistas circulam pelo mundo inteiro, de Oriente viaja-se para Ocidente, e as cidades transformam-se em pontos de encontro das mais diversas culturas.

Existem lugares imperdíveis para os turistas, que constituem espaços nos quais a história vai deixando a sua marca. Este café foi inaugurado na famosa Via Condotti de Roma, no ano de 1760, e por ele passaram escritores e artistas quando visitavam a cidade, como Keats, Goethe, Stendhal ou Baudelaire. Também músicos como Listz, Bizet ou Wagner compuseram peças nas suas mesas.

Renato Guttuso realizou esta pintura preparatória com acrílico sobre cartão para uma tela que se encontra actualmente num Museu de Colónia. Na denominada “sala rossa”, isto é, sala vermelha, devido à cor vermelha do revestimento das suas paredes, repleta de espelhos, quadros e esculturas, diferentes personagens conversam, tomam café ou simplesmente observam o que existe em seu redor.

A pessoa que está sentada do lado esquerdo é o pintor Giorgio de Chirico ao qual Guttuso presta homenagem com este *Caffè Greco*. A outra personagem histórica que aparece no quadro é o Coronel William Cody, conhecido como Buffalo Bill, que visitou Roma com o seu circo equestre. Também turistas suecas, japoneses com a sua máquina fotográfica pendurada ao pescoço, jovens conversando e algum cliente solitário, ocupam as mesas do café.

Edição
Fundación Colección Thyssen-Bornemisza

Textos
Begoña de la Riva

Coordenação
Ana Moreno

Desenho gráfico
Sánchez/Lacasta

Pré-impressão
Lucam

Impressão
Brizzolis

Todos os direitos reservados
© dos textos: os seus autores
© da presente edição: Fundación Colección Thyssen-Bornemisza